

# **CAPITAL SOCIAL: PRESENTE OU AUSENTE? UMA ANÁLISE PARA O ALDEIA DE JERICOACOARA, CEARÁ, POR MEIO DA COOPERATIVA DE BUGUEIROS (COOPBJ)**

SOCIAL CAPITAL: PRESENT OR ABSENT? AN ANALYSIS FOR THE VILLAGE OF JERICOACOARA, CEARÁ, THROUGH THE BUGUEIROS' COOPERATIVE (COOPBJ)

Francisco Laercio Pereira Braga (Universidade Estadual do Ceará - UECE)  
Ana Claudia Sampaio Oliveira (Universidade Federal do Ceará – UFC)  
Francisca Diana Ferreira Viana (Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP)

## **RESUMO**

O presente artigo teve por objetivo identificar ações, relações e interações que refletem a presença de capital social na aldeia de Jericoacoara, localizada no município de Jijoca de Jericoacoara, no estado do Ceará. Como sujeito de estudo, escolheu-se a Cooperativa de Bugueiros de Jericoacoara (COOPBJ). Em termos de método, fez-se uso de uma pesquisa de campo em que 30 questionários foram aplicados com o intuito de mensurar o capital social na referida cooperativa. O questionário buscou abordar os aspectos socioeconômicos e de capital social na intenção de verificar os pontos fortes e fracos da organização nas atividades desenvolvidas na comunidade. Os resultados mostraram, principalmente, que a cooperativa possui nível médio de capital social, cujas dimensões observadas registraram, em geral, valores entre médio e alto. Observou-se, também, por meio dos resultados, que a comunidade tem capacidade de desenvolver atividades recreativas ao longo do ano e possui potencial para um desenvolvimento local sustentado. No entanto, para tal, fazem-se necessários estímulos aos cooperados nos diversos projetos e ações que são desenvolvidos para tornar o processo de desenvolvimento mais inclusivo na comunidade.

**Palavras-chave:** capital social, turismo, cooperativa.

## **ABSTRACT**

The purpose of this paper was to amortize the actions, relations and social interactions of capital in Jericoacoara, located in the municipality of Jijoca de Jericoacoara, in the state of Ceará. As a study object, the Bugueiros' Cooperative of Jericoacoara (COOPBJ) was chosen. Methodologically, we made use of a field research with 30 questionnaires and they were applied with the intention of measuring the social capital in the cooperative concession. The questionnaires sought socioeconomic and social capital aspects with the intention of seeking strengths and weaknesses of the organization in public activities in the community. The results mainly showed that the cooperative has average level of social capital, whose the observed dimensions generally registered values between medium and high. It was also observed that the community has the capacity to develop recreational activities throughout the year and has the potential for sustained local development. However, to this end, it is necessary to encourage the cooperative in the various projects and actions that are developed to make the development process more inclusive in the community.

**Keywords:** social capital, tourism, cooperative.

**Área do trabalho:** Área 4 – Políticas Sociais, Mercado de Trabalho e Demografia em áreas rurais.

## 1 INTRODUÇÃO

O termo capital social ganhou mais notoriedade a partir de Robert Putnam em 1993, quando estudou as disparidades de desenvolvimento entre o norte e sul da Itália. A partir desse estudo, a cooperação voluntária torna-se mais fácil em comunidades que herdaram um estoque significativo de capital social com características de organização social, como normas e redes. Putnam observou, ainda, que a capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação são fatores relevantes ao desenvolvimento econômico, e, por conseguinte, ao bem-estar local, pois favorecem a eficiência produtiva da comunidade.

Assim, nota-se que o capital social passou a ser estudado e explorado como fator de desenvolvimento econômico local, porque integra três aspectos importantes existentes, a saber: capital físico, humano e tecnológico. O capital social corrobora também, com a intensificação da interação entre o Estado, as empresas privadas e Organizações Não Governamentais (ONG's), o qual aumenta o bem-estar social e econômico.

A atividade turística no estado do Ceará apresenta uma imagem muito atrelada, ainda, a visão de sol e mar, sendo exatamente esta paisagem exposta no mercado nacional e internacional. Diante desse fato, constatou-se o aumento do fluxo turístico no Ceará, em especial no município de Jijoca de Jericoacoara, colocando-o entre os cinco principais destinos turísticos do estado nos últimos anos dez anos (2006-2016). No município, a aldeia de Jericoacoara, atraiu 50 mil turistas em 2009 e, em 2014, esse número passou para quase 216 mil turistas, ou seja, uma elevação de 332% no fluxo (SETUR, 2016).

Com a intensificação do turismo na cidade, passou a ser necessária, então, a existência de uma rede de interação entre os atores locais para atender à crescente demanda dos turistas. Deve ser ressaltado que, caso esta rede formada por moradores, cooperativas, associações comunitárias, empreendimentos privados e poder público, não interaja da melhor maneira possível, problemas graves poderão surgir na comunidade. Partindo dessa visão, este trabalho levanta o seguinte problema: como a ideia de capital social, presente na cooperativa de bugueiros, pode influenciar o desenvolvimento da comunidade de Jericoacoara?

Diante deste contexto, o artigo tem como objetivo geral verificar o quão presente está o conceito de capital social na Cooperativa de Bugueiros de Jericoacoara (COOPBJ) de atuação na vila Jeri no município de Jijoca de Jericoacoara, estado do Ceará. Para atingir tal fim, consta, no decorrer do trabalho, dois objetivos específicos: o primeiro, refere-se a verificação da existência de capital social junto a COOPBJ; enquanto que o segundo, diz respeito aos efeitos que o capital social pode apresentar no desenvolvimento local da aldeia turística.

Isto posto, percebe-se a relevância do estudo acerca do tema capital social na cidade turística de Jericoacoara, visto que a mesma é um polo turístico em crescimento no estado do Ceará desde 2006. A aldeia Jeri encontra-se, ainda, em processo de desenvolvimento com desafios ambientais, econômicos e sociais locais a serem enfrentados, além da presença de várias organizações públicas e privadas agindo na comunidade de maneira isoladas. A escolha da cooperativa de bugueiros como foco de estudo, por sua vez, se deu pela importância dessa atividade na geração de emprego e renda local. Dessa forma, espera-se que, ao identificar o nível de capital social presente na cooperativa, o estudo possa contribuir na identificação de aspectos relativos ao processo de desenvolvimento local e estreitar as relações entre a comunidade e as instituições de poder público local.

Este estudo é dividido em quatro seções, além desta introdução. A primeira aborda aspectos relacionados ao estudo da arte sobre o papel das cooperativas no desenvolvimento local de pequenas comunidades e a importância do capital social nesse cenário; na segunda seção, está detalhado os aspectos metodológicos da pesquisa. Em seguida, encontram-se as análises e discussões sobre os resultados coletados junto à COOPBJ; e, por fim, a conclusão.

## 2. O PAPEL DAS COOPERATIVAS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Segundo Barcellos (2004), a ideia do conceito de cooperativismo está presente no mundo desde antiguidade. No entanto, foi na Inglaterra, durante o período da Primeira Revolução Industrial, que surgiu o primeiro movimento cooperativista entre os chamados socialistas utópicos, a saber: Charles Fourier, William King, Philippe Buchez, Louis Blanc e Robert Owen. Adam Smith, em seu livro *Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, menciona que a divisão de tarefas e cooperação tornam os homens mais eficientes na produção de uma determinada atividade produtiva (SMITH, 1776).

Com o advento da Revolução Industrial, o avanço tecnológico possibilitou a produção em massa e a substituição da força de trabalho humano pela utilização de máquinas o que, conseqüentemente, gerou o surgimento de milhares de trabalhadores desempregados, exploração da força de trabalho e o aprofundamento da massa de excluídos e miseráveis. Diante desse panorama, os trabalhadores viram, por meio da ajuda mútua, uma maneira de evitar o aprofundamento dessa realidade e começaram a organizar-se com o objetivo de reverter o presente cenário e garantir a sobrevivência (PORTO; FERREIRA, 2014). Barcellos (2004) complementa que foi a partir da experiência cooperativa de Rochdale<sup>1</sup>, em 1844, que emergiu a inspiração para criação dos princípios que norteiam, ainda hoje, esse sistema organizacional, que são: livre-adesão, a participação democrática e a autogestão.

Segundo Lopes, Matos e Machado (2015), nas comunidades é possível verificar, cada vez mais, a realização seja de associações ou atividades cooperativas com a finalidade de aumentar o grau de competitividade da região. Para Porto e Ferreira (2014, p. 327), cooperativa é “uma associação entre pessoas que pretendem o atendimento de necessidades comuns, [...] estando associada na perspectiva de que sua essência consiste na capacidade de unir pessoas que apresentam interesses semelhantes ou que primam por objetivos comuns”.

Deste modo, percebe-se que as cooperativas são um tipo de agente local que, utilizando de seus instrumentos, organizacionais, econômicos e sociais, podem fazer com que determinados objetivos de desenvolvimento possam ser atingidos, a partir do uso do seu potencial de inclusão e interação com a população dos seus produtos e serviços.

Porém, segundo Lopes (2015, p. 2016), “as cooperativas podem não gerar resultados para seus associados, apesar de prosperarem como organização. As cooperativas, ao funcionarem como empresas, se orientam por leis de mercado e podem oferecer preços mais favoráveis que os de mercado. Isto posto, a administração dos interesses internos a organização se torna, portanto, uma tarefa difícil, o que pode desestimular a disseminação e implementação de estratégias em prol do desenvolvimento tanto da organização quanto da localidade a qual está inserida.

Rocha *et al.*, (2004, p. 2) colocam que “o cooperativismo popular ou de trabalho é, pois, uma das alternativas para resgatar a cidadania e possibilitar especialmente aos trabalhadores desempregados viabilizar um projeto de geração de renda e inclusão social”. Deve ser ressaltado que o cooperativismo proporciona desenvolvimento econômico local, pois cria um ambiente de transformação no tecido social no qual está inserido e altera, gradativamente, a vida dos trabalhadores.

O termo desenvolvimento econômico local surge, exatamente, como reflexo do esgotamento dos modelos tradicionais de desenvolvimento, no qual o primeiro passa a promover a inclusão econômica e social em localidades. Esse processo de inclusão vem ocorrendo, exatamente, por meio do aproveitamento da vocação e potencial econômico da localidade (SILVA; CANDIDO, 2006).

Logo, o desenvolvimento local pode ser entendido, de forma geral, como arcabouço de redes de ações e estratégias adotadas em uma determinada região ou localidade com a finalidade de assegurar uma melhoria qualitativa socioeconômica da população que integra essas áreas.

---

<sup>1</sup> Primeira cooperativa de consumo formada por vinte e oito tecelões na Inglaterra, os quais ficaram conhecidos como “Os Pioneiros de Rochdale”. (PORTO; FERREIRA, 2014).

Diferente do conceito capitalista de desenvolvimento, que pauta-se, prioritariamente, em termos econômicos e financeiros, o desenvolvimento local traz a vertente da valorização do indivíduo e da melhoria de sua qualidade de vida, ou seja, abrange não só aspectos econômicos, mas também aspectos sociais e políticos. Então, a utilização de variáveis econômicas e financeiras não são suficientes para a promoção do desenvolvimento econômico socialmente justo de uma região. Por esse motivo, ao se trabalhar com o termo desenvolvimento local, implicará em dizer que existe uma perspectiva integrada do desenvolvimento com aspectos econômicos, humanos e sociais (PEREIRA, 2007).

Segundo Tabosa et al. (2004, P. 01), “desenvolvimento local representa uma estratégia que deve assegurar para o território em questão – seja comunidade, município ou microrregião – uma melhoria das condições socioeconômicas, a médio e longo prazo”. Dessa forma, nota-se que o conceito teórico de desenvolvimento local vem, nas primeiras décadas do século XXI, sendo amplamente utilizado e discutido em vários campos de estudos, onde a lógica prevalecente fundamenta-se nos conceitos endógenos de desenvolvimento.

A abordagem exógena cede espaço para o conceito endógeno, no qual o desenvolvimento local ou regional passa a receber influências importantes dos atores locais. Nesse cenário, a área geográfica física - estruturas e infraestruturas -, juntamente com a população local e as relações sociais, cultura, e as instituições ganham expressiva importância (AMARAL FILHO, 2011). Nota-se, com isso, que o modelo endógeno surge como crítica aos clássicos modelos locacionais de produção, onde o fator tecnologia torna-se elo de sustentação do ganho de competitividade das empresas, sejam elas grandes, médias ou pequenas.

De acordo com Buarque (2008), o desenvolvimento local pode ser caracterizado como um processo endógeno de mudança, que proporciona dinamismo econômico e melhoria da qualidade de vida da população, principalmente em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Esse processo deve mobilizar e explorar o potencial local existente para tornar-se consistente e sustentável e, assim, contribuir com a elevação de oportunidades sociais e a viabilidade de competitividade da economia local.

Portanto, o desenvolvimento local é reflexo de múltiplas ações convergentes e complementares, e são essas ações que proporcionarão a ruptura da dependência e inércia do atraso de regiões subdesenvolvidas. Dentre os mecanismos de desenvolvimento local pode-se citar, dentro deste panorama, o cooperativismo, que tem por finalidade a organização econômica e a promoção social (CHAVES; KUSTNER, 2009).

## 2.1 O Capital Social no âmbito das Cooperativas

Soares, Abreu e Navaes (2010), apontam como marco decisivo para o surgimento da atual teoria do capital social os estudos elaborados por Pierre Bourdieu, James Coleman, seguidos por Robert Putnam. O primeiro, Bourdieu (1980), refere-se ao capital social como agregador de recursos, reais ou potenciais, de um conjunto de relações sociais em que os indivíduos extraem vantagens. Logo, o capital social pode ser entendido como a capacidade que os grupos e organizações, de uma determinada localidade, desenvolvem para alcançar, conjuntamente, objetivos comuns e proporcionar uma maior eficiência na produção coletiva.

Coleman (1988), por sua vez, entende o termo capital social como uma diversidade de diferentes atores, pertencentes a uma estrutura social específica que, de alguma forma, facilita determinadas ações dos atores desta estrutura. O conceito de capital social está associado aos elementos de organização social, como as redes, normas e confiança social que facilitam a cooperação. O capital social pode, ainda, manifestar-se formalmente ou não de diversas maneiras, desde os aspectos de um grupo, associação de pais e professores, por exemplo, até aos fatores econômicos de um país (PUTNAM, 1995; 2001).

Segundo Frey (2003), capital se constitui pela existência de confiança social, normas de reciprocidade e por redes de engajamento de participação cívica. Esse sistema de participação

cívica é uma forma essencial de capital social, pois quanto mais evoluído for numa comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos cooperarem em benefício mútuo. Para Putnam (1993), a participação cívica é, portanto, importante para solidificação do capital social por aumentar os custos potenciais para o transgressor em qualquer transação individual, além, claro, de proporcionar regras sólidas de reciprocidade e facilidade de comunicação e confiabilidade entre os indivíduos.

Na verdade, a ideia de que a democracia é fortalecida pelas virtudes cívicas é bem anterior ao conceito de capital social propriamente dito, pois boa parte da teoria do capital social pode ser atribuída aos estudos de Adam Ferguson, Alexis de Tocqueville e Hanifan em 1916. Ou seja, constata-se que, apesar da ideia de capital social ser relativamente nova, a sua árvore genealógica é bem mais longa (GRAHAM, 2016).

Desta forma, os estudos sobre capital social desenvolvidos por Putnam e Coleman estimularam muitos trabalhos posteriores sobre o tema, com o objetivo de chegar em uma definição apropriada para o termo, o qual vem chamando atenção da comunidade acadêmica nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. No fluxo caudatário desses estudos, Grootaert e Bastelaer (2001) agregam valor ao conceito ao afirmarem que o capital social inclui diversos agentes da sociedade, como as instituições (públicas ou privadas, organizadas ou não), as relações, as atitudes e os valores que regem as interações dos atores que a compõem. Estes autores complementam suas ideias, primeiramente, ao enfatizarem a contribuição dessas interações para o alcance do desenvolvimento econômico e social de uma determinada região e, segundo, ao afirmarem que o capital social pode ser visto ao longo de três dimensões, a saber: escopo, suas formas e os canais através dos quais afetam o desenvolvimento.

Nahapiet e Ghoshal (1998) estudaram o capital social nas dimensões cognitiva, estrutural e relacional. Na primeira, aborda o estudo dos significados que são compartilhados pelos atores locais, o qual representa uma série de avaliações sobre o capital social no que se refere à teoria das organizações. Na dimensão estrutural, constata-se aspectos de nível micro, como a força das relações e aspectos de nível macro. Grootaert e Bastelaer (2001) enfatizam a explicação dessa dimensão ao colocarem que as instituições macro podem fornecer um ambiente propício em que as associações locais possam desenvolver e florescer. A última dimensão, relacional, aborda o conteúdo transacionado entre os atores e focaliza o papel dos laços diretos entre os atores com relação aos conteúdos transacionados nas interações e suas diversidades (REGIS; DIAS; BASTOS, 2006).

Contudo, como destaca Fukuyama (2001), não é um trabalho tão fácil tentar medir o estoque total de relações sociais cooperativas com base em normas de honestidade e reciprocidade porque envolve virtude das idiossincrasias inerentes ao conceito e a prática do capital social. E complementa que, para sanar tais dificuldades de mensuração, deve-se utilizar métodos tradicionais de disfunção social, como, por exemplo, taxas de criminalidade, dissolução familiar, consumo de droga, litígio, suicídio, evasão fiscal e coisas do gênero. Isto é, deixa de lado o uso do método de mensuração com base no valor positivo. A suposição de Fukuyama (2001), nesse contexto, é de que se o capital social reflete a existência de normas cooperativas, os desvios sociais que, porventura, venham existir em determinada localidade, refletiria a falta de capital social.

Para Andrade e Cândido (2008), seis dimensões podem ser usadas para verificar o quão presente está o capital social dentro de uma comunidade ou organização. Essas dimensões vieram, exatamente, após o trabalho elaborado por Grootaert et al., (2003). Ou seja, as seis dimensões utilizadas são originárias das três principais dimensões no qual o capital social pode ser visualizado, como colocado por Grootaert e Bastelaer (2001). As seis dimensões citadas são: apoio comunitário, capital social estrutural, redes e organizações de apoio, ação coletiva, capital social cognitivo e perfil organizacional. Diante desse quadro, optou-se por trabalhar,

neste artigo, com as seis dimensões para poder avaliar a existência e a intensidade da presença do capital social na cooperativa em estudo.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 *Locus* de investigação e objeto de estudo

O trabalho é desenvolvido no Parque Nacional (PN) de Jericoacoara, mais especificamente na aldeia de Jericoacoara no município de Jijoca de Jericoacoara à 238 Km da capital cearense. O município citado ocupa uma área correspondente a 0,14% do estado e pertence a um dos 188 municípios cearenses, localizado na região oeste praiana (IPECE, 2016). Em termos populacionais, o município possuía, em 2010, cerca de 17 mil habitantes, com 67% residente na zona rural, e estima-se que a população tenha chegado, em 2017, a 19.500 mil pessoas (IBGE, 2010).

O objeto de estudo da pesquisa concentra-se na Cooperativa de Bugueiros de Jericoacoara (COOPBJ). A cooperativa possui relevância para a economia local pelo fato de ser, primeiramente, uma organização com uma quantidade substancial de cooperados, conseqüentemente, potencial gerador de emprego e renda; ademais, possui algumas características específicas que auxiliam na melhor compreensão sobre fenômenos sociais e econômicos a partir da observação *in loco*. Ou seja, foi adotado como método de pesquisa o estudo de caso único.

#### 3.2 Origem e interpretação dos dados

A origem dos dados foi resultado da aplicação de questionários constituídos de perguntas fechadas de múltipla escolha (padrão de entrevista estruturada do tipo *survey*), entregue pessoalmente aos entrevistados. Ao todo, foram aplicados 30 questionários na cooperativa de bugueiros de Jericoacoara em julho de 2017, de um universo de 60 (sessenta) cooperados cadastrados. Contudo, a seleção dos entrevistados ocorreu de forma aleatória, pois dependia da disponibilidade de tempo dos bugueiros. Devido a essa limitação, os resultados mostram apenas o comportamento do grupo entrevistados, não sendo possível expandir os resultados para a população como um todo.

#### 3.3 Tipo de pesquisa

Quanto aos fins, este trabalho pode ser considerado como exploratório, pois deve ampliar o conhecimento sobre a percepção dos cooperados em estudo (COOPBJ) e, assim, avalia-se as informações coletadas; e, também, é descritiva, pois visa expor características de determinada população.

Quanto aos meios, a pesquisa é considerada pesquisa de campo, pois o estudo foi fruto da aplicação de questionários aos cooperados da COOPBJ. Contudo, a presente pesquisa pode, também, ser classificada como quantitativa porque a ferramenta de *survey* proporciona dados quantitativos. Dessa forma, o instrumento *survey* tem como objetivo contribuir com o conhecimento em uma área particular de interesse por meio da coleta de informações sobre um grupo de indivíduos da população. A classificação do levantamento *survey* utilizada na pesquisa foi exploratório, pois tratou-se de obter uma visão inicial sobre dado fenômeno (FORZA, 2002).

#### 3.4 Modelo teórico

A escolha deste método justifica-se pelo fato de que o fenômeno analisado se configura como uma unidade peculiar: o Capital Social da Cooperativa de Bugueiros de Jericoacoara e, dessa forma, buscou-se compreender, *a priori*, o objeto da pesquisa em sua intensidade e, em seguida, verificar como este pode se relacionar e influenciar o desenvolvimento local da comunidade.

Desta forma, o questionário aplicado continha, no primeiro bloco, características socioeconômicas gerais e, no segundo bloco, aspectos relacionados à forma de organização da cooperativa que proporcionam a existência do capital social. A seguir, no Quadro 1, encontram-se as seis dimensões que foram levadas em consideração para aferição do quão presente está o conceito de capital social na organização pesquisada (ANDRADE; CANDIDO, 2008). Essas dimensões, por sua vez, dialogam com a visão dos autores Tabosa et al., (2010), que trazem complementaridades teóricas ao estudo do capital social em comunidades ou organizações. Esse diálogo acontece porque a base do estudo dos autores é pautada no trabalho de Grootaert et al., (2003), que trabalhou, por sua vez, com a elaboração de um questionário integrado para medir o capital social (QI-MCS) em comunidades e usado pelo Banco Mundial.

Quadro 1: Dimensões do Capital Social

Visão de Andrade e Candido (2008)	Visão de Tabosa et al., (2010)
1) Apoio Comunitário	Grupos e redes
2) Capital Social Estrutural	Coesão e inclusão social
3) Redes e Organizações de apoio mútuo	Autoridade ou capacitação e ação política
4) Ação Coletiva Prévia	Ação coletiva e cooperação
5) Capital Social Cognitivo	Confiança e solidariedade
6) Perfil Organizacional	Informação e comunicação

Fonte: Andrade e Candido (2008); Tabosa et al., (2010). Elaboração do autor, 2017.

O **apoio comunitário** é considerado a variável de estabilidade que guia a ação coletiva dos interesses organizados, referindo-se às características gerais da comunidade. No seu corpo considera a natureza e a extensão da participação dos agentes locais em vários tipos de organizações sociais e redes informais na comunidade. Espera-se que, quanto maior a quantidade de grupos ou associações e lideranças participativas apoiando-se em determinada localidade, maior será a sua capacidade de acumular capital social.

Em seguida, tem-se o **capital social estrutural** referente às formas de organização social e das instituições locais (formais ou não) que atuam como instrumentos para o desenvolvimento da comunidade. Essa dimensão também é conhecida como coesão e inclusão social, porque levam em consideração diversas formas de divisão e diferenças existentes que podem levar ao conflito e exclusão dentro de uma comunidade ou organização. Dessa forma, comunidades e organizações com baixos níveis de desigualdades, conflitos e exclusão, mais tenderão a ter o capital social.

A terceira dimensão está relacionada às **redes e organizações de apoio mútuo**, que por sua vez, envolve a existência de inter-relações entre os indivíduos, grupos e organizações. Nessa dimensão, portanto, verifica se os membros da organização ou comunidade detém, de alguma forma, influência sobre instituições que afetam diretamente o seu bem-estar, e quanto maior for essa influência, maior o estoque de capital social.

A quarta dimensão é a **ação coletiva prévia**, a qual compreende o grau de coletivismo existente na cidade e, assim, torna-se possível verificar se a aglomeração de membros demonstra ter a consciência de que em grupo pode apresentar melhores resultados que atuando isoladamente. Assim, no geral, essa dimensão investiga se e como os membros de uma comunidade ou organização têm trabalhado com outras pessoas de projetos que visem bons resultados comuns para todos. Quanto maior o coletivismo e cooperação entre os diversos membros da comunidade, maior será o estoque de capital social.

A dimensão **capital social cognitivo** (confiança e solidariedade) refere-se à essência do capital social, pois engloba respeito às normas, valores, cultura, crenças e atitudes que são intrínsecas ao indivíduo. Ou seja, são aspectos que ajudam a identificar comportamentos baseados na solidariedade, na cooperação e na confiança. Espera-se que, ao final, obtenham-se

índices elevados de confiança e solidariedade entre os membros de uma organização para a existência de um maior nível de o capital social.

Por fim, tem-se o **perfil organizacional** (informação e comunicação) com a finalidade de identificar características internas às organizações e/ou instituições da localidade, o qual demonstrará, dessa forma, o tipo de relacionamento existente entre elas e outras na comunidade. Nessa dimensão, observam-se ainda, os meios pelos quais ocorre o recebimento das informações relativas às condições de mercado e serviços públicos e, se ocorrer um alto fluxo de informações, maior será o capital social.

### 3.4.1 Índice de Capital Social

A aferição das variáveis que compõem as dimensões do capital social foi procedida na forma tópico, e era dada uma escala onde os extremos indicavam muito baixo e muito alto. Em todos os casos, utilizou-se escala de Likert de cinco pontos (Tabela 1). Assim, a escala de 1 a 5 foi utilizada para observar o nível de conhecimento e concordância dos entrevistados na aldeia.

Tabela 1 – Escala de Likert

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente

Fonte: Silva (2017)

Na parte de análise dos resultados, optou-se por realizar uma abordagem quantitativa para a determinação do *Ranking* Médio (RM) a partir do questionário do tipo Likert. Assim, tornou-se possível mensurar o grau de concordância dos sujeitos que responderam os questionários.

Desta maneira, trabalhou-se com o índice de capital social (ICS), que considera variáveis que expressam as relações interpessoais entre os membros da cooperativa. Para respaldar a análise, calculou-se um índice<sup>2</sup> para as dimensões do capital social numa determinada localidade, conforme trabalho por Khan e Silva (2002). Assim, pode-se definir o ICS como:

$$ICS = \frac{1}{m} \sum C_i$$

Em que: ICS = Índice de Capital Social;  $\sum C_i$  = somatório das contribuições de cada variável “i” no índice de Capital Social.

Para verificar a contribuição de cada uma das seis dimensões do capital social no cálculo final do ICS utilizou-se o seguinte modo:

$$C_i = \frac{\sum_{j=1}^n E_{ij}}{\sum_{i=1}^m \sum_{j=1}^n E_{max,i}}$$

Em que:  $E_{ij}$  = escore da *i*-ésima variável obtida pelo *j*-ésimo entrevistado;  $E_{max,i}$  = escore máximo da *i*-ésima variável; *i* = 1, 2, 3,..., n, número de variáveis; *j* = 1, 2, 3, ..., m, número de cooperados entrevistados; *n* = número de variáveis; *m* = número de entrevistados.

As variáveis que compõem as dimensões do índice de capital social são apresentadas na Tabela 2, com as respectivas pontuações máximas e mínimas possíveis. Tais pontuações foram importantes para aferição do índice e suas contribuições.

<sup>2</sup> Verificar BARRETO, R. C. S. Políticas Públicas e o Desenvolvimento Rural Sustentável no Estado do Ceará: Um Estudo de Caso. Dissertação (Mestrado em Economia Rural), Universidade Federal do Ceará, 2004.



Tabela 2: Variáveis relativas as dimensões do Capital Social

Dimensões do Capital Social		<i>E<sub>max</sub></i>	<i>E<sub>min</sub></i>
<b>X1</b>	<b>Apoio Comunitário</b>		
X1.1	A cooperativa pode ser considerada organizada	5	1
X1.2	As pessoas da cooperativa geralmente participam das diversas instituições locais	5	1
X1.3	As pessoas e ou instituições se mobilizam para resolução de problemas da cooperativa	5	1
X1.4	Verifica-se a presença de programas ou instituições envolvidas na geração de desenvolvimento local	5	1
<b>X2</b>	<b>Capital Social Estrutural</b>	5	1
X2.1	A cooperativa dispõe de adequada infraestrutura	5	1
X2.2	O líder da cooperativa participa ativamente no processo de desenvolvimento da comunidade	5	1
X2.3	No geral, eu me sinto muito feliz trabalhando na cooperativa.	5	1
X2.4	A cooperativa considera os líderes da cidade como sendo influenciadores	5	1
<b>X3</b>	<b>Redes e Organizações de Apoio Mútuo</b>	5	1
X3.1	A cooperativa apresenta níveis de diferenças quanto à educação, saúde, etnia, renda, afiliação política, entre outros	5	1
X3.2	Caso exista problemas decorrentes dessas diferenças, estas são superados facilmente	5	1
X3.3	A cooperativa dispõe de serviços básicos que atendam devidamente aos trabalhadores (saúde, educação, aspectos trabalhistas)	5	1
X3.4	Os serviços são de acesso a todos os membros da cooperativa	5	1
<b>X4</b>	<b>Ação Coletiva Prévia</b>	5	1
X4.1	A cooperativa interage com os líderes políticos a fim de solicitar ações de desenvolvimento para a cooperativa e cidade	5	1
X4.2	A cooperativa, através do líder, já conseguiu reivindicações importantes junto ao poder público para a bem da coletividade	5	1
X4.3	Se um projeto da cooperativa não me beneficia diretamente, mas ajuda aos outros membros então eu contribuo	5	1
X4.5	Nos últimos doze meses, você ou alguém da sua cidade ou família participou de alguma atividade da cooperativa para beneficiar todos os membros.	5	1
X4.6	Se ocorrer algum problema na comunidade, os membros da cooperativa se reúnem para ajudar a solucionar.	5	1
X4.7	As decisões a serem tomadas são relacionadas a projetos de desenvolvimento comum	5	1
<b>X5</b>	<b>Capital Social Cognitivo</b>	5	1
X5.1	Você recebe apoio e solidariedade das demais pessoas da cooperativa	5	1
X5.2	A maioria dos membros está disposta a me ajudar caso eu precise	5	1
X5.3	Nesta cooperativa é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de mim	5	1
X5.4	O nível de confiança é considerado alto	5	1
X5.5	O interesse é maior pelo bem-estar coletivo na cooperativa	5	1
X5.6	Tem-se a cooperativa como próspera	5	1
X5.7	Constata-se a presença de respeito e atenção à opinião alheia	5	1
X5.8	Considera-se bem aceito (a) pelos membros da cooperativa	5	1
X5.9	Existe baixa incidência de conflitos (brigas) na cooperativa	5	1
X5.10	Existe engajamento da cooperativa	5	1
<b>X6</b>	<b>Perfil Organizacional</b>	5	1
X6.1	Existe interação entre as diversas instituições	5	1
X6.2	A organização da cooperativa é dotada de capacidade e competência	5	1
X6.3	As principais fontes de informação da cooperativa ocorrem por meio de informativos, reuniões, telefonemas	5	1
X6.4	As ações dos líderes da cooperativa contribuem para o desenvolvimento da mesma	5	1

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Segundo Khan e Silva (2002), o índice de capital social (ICS) poderá assumir valores entre 0 e 1, classificando-o em baixo nível, médio nível e alto nível de acumulação, dependendo do seu resultado (Quadro 2).

Quadro 2: Índice de Capital Social

Baixo nível de acumulação de capital social	$0 < ICS \leq 0,5$
Médio nível de acumulação de capital social	$0,5 < ICS \leq 0,8$
Alto nível de acumulação de capital social	$0,8 < ICS \leq 1$

Fonte: Khan e Silva (2002)

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Caracterização da Vila de Jericoacoara

A aldeia de Jericoacoara, ou comumente conhecida como Jeri, era inicialmente uma vila de pescadores sem estrutura de hospedagem e energia elétrica e com acesso difícil na década de 1980. No entanto, a partir da segunda metade da década seguinte, nativos, moradores da região e moradores de outros estados e países começaram a investir na Vila e criaram pequenos negócios locais, aproveitando o fato de que a aldeia tem uma paisagem paradisíaca, com belas praias e dunas, que passaram a atrair cada vez mais turistas de todos os lugares do mundo. Assim, de um ambiente de difícil acesso passou a ser um dos principais pontos turísticos no Ceará (ICBC, 2010).

Paralelamente, entre 1996 e 2017, constatou-se um crescimento importante de diversas instituições localizadas em Jericoacoara com potencial significativo de cooperação na comunidade, totalizando, ao final de 2016, dezenove agentes atuantes. Algumas dessas cooperações desenvolvem parcerias na preservação e fiscalização local, enquanto outras assumem o papel de divulgar o Parque Nacional de Jericoacoara (Quadro 3).

Destas dezenove instituições, deve ser ressaltado que onze delas surgiram nos últimos 10 anos, o qual reforça o quanto a sensibilidade econômica influenciou na criação e desenvolvimento de agentes locais com intuito de amenizar os efeitos gerados pelo sistema capitalista.

O fato é que, além destes agentes locais, pode-se apontar, ainda, a atuação de outros atores importantes que trabalham na cooperação de preservação e fiscalização do Parque, como por exemplo: Prefeitura Municipal de Jijoca, Secretaria de Turismo do Município, Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Chico Mendes (ICMbio), Governo do Estado do Ceará e instituições de ensino e pesquisa (UFC e UECE), que dão, por sua vez, apoio técnico à comunidade, com objetivo de proporcionar cultura, geração de emprego e renda local e capacitação aos empreendedores da comunidade. Ou seja, nota-se que a interação entre eles é importante para geração de emprego e renda na comunidade.

Quadro 3: Potencialidades de cooperação no Município de Jijoca de Jericoacoara

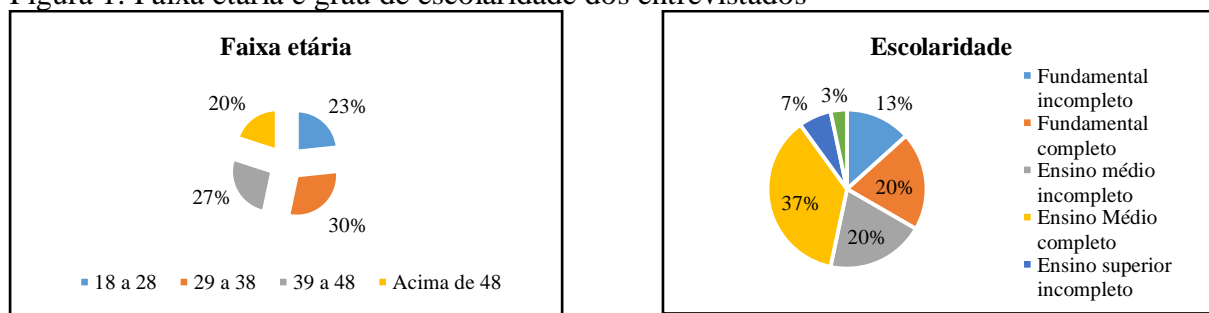
Instituição	Potencial de cooperação	Ano
Associação de Bugueiros de Jericoacoara (JAB)	Parceria na preservação e fiscalização	1999
Associação dos Cavaleiros de Jericoacoara		2002
Associação dos Condutores de Turismo de Jijoca de Jericoacoara		2006
Cooperativa de Bugueiros de Jericoacoara (COOPERBUJ)		2009
Associação de Windsurf de Jericoacoara – JAWS		2009
Cooperativa de Transportes de Passageiros 4 x 4 de Jericoacoara (coopjeri 4x 4)		2013
CooperJeri – Cooperativa de Transportes Turísticos de Jijoca de Jericoacoara		2013
Associação de Kitesurf de Jericoacoara		2015
Trilhas e Dunas Quadrículos		2015
Conselho Comunitário de Jericoacoara		Parceria na preservação
Associação Comunitária do Mangue Seco	1996	
Associação Pescadores do Mangue Seco	1997	
Projeto Social Tribo Jeri Capoeiristas	2002	
Associação Crocheteiras Mundo Jeri	2009	
Associação Cultural Folclórica e Desportiva Capoeira Regional Lagoa de Jijoca	2009	
Associação Comunitária dos Moradores e Agricultores Familiares do Baixio	2009	
Associação dos Artesões Crochê de Jeri (nova)	2016	
Bora Turismo	Divulgação do Parque (usos e normas)	2000
Associação Empresarial Eu Amo Jeri		2015

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

#### 4.2 Aspectos socioeconômicos dos cooperados pertencentes à cooperativa de bugueiros de Jericoacoara

De acordo com o questionário aplicado constatou-se, quanto aos aspectos socioeconômicos dos cooperados, que o grupo entrevistado é bem heterogêneo quanto a sua faixa etária, tendo em vista que apenas 30% dos mesmos encontram-se na faixa etária entre 29 a 38 anos. Na questão escolaridade, apenas 37% possuem ensino médio completo, enquanto 53% dos entrevistados possuem o ensino médio incompleto (Figura 1).

Figura 1: Faixa etária e grau de escolaridade dos entrevistados

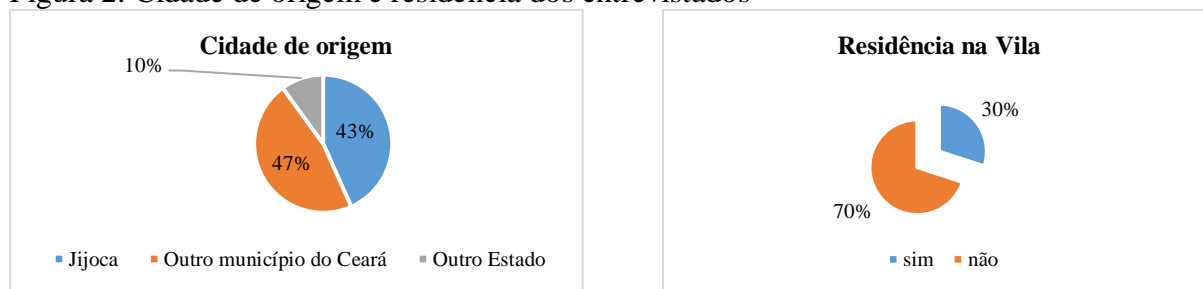


Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Com relação à cidade de origem dos entrevistados, 47% dos cooperados são oriundos de outros municípios do Estado do Ceará, em grande parte de cidades vizinhas a Jijoca, como Cruz e Camocim, mas existem, também, cooperados de Fortaleza, assim como de outros estados

do país, tais como: Rio Grande do Sul, Paraíba e Paraná. Aqueles entrevistados que nasceram em cidades vizinhas residem em suas cidades e se deslocando para a Vila apenas para desenvolver suas atividades diárias. Diferentemente dos cooperados de outros estados, que moram e trabalham na aldeia (Figura 2).

Figura 2: Cidade de origem e residência dos entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

No que diz respeito a outros aspectos gerais dos entrevistados, observou-se que 50% dos cooperados são solteiros e 47% casados. Cerca de 70% dos entrevistados têm filhos, e apenas 3 deles recebem algum tipo de apoio governamental, que utilizam como complemento de renda (bolsa família e aposentadoria). Além disso, 30% dos entrevistados desenvolvem, ainda, outras atividades paralelas como forma complementar da renda, a saber: agricultura, cozinheiros, mecânicos, recepcionistas, consultor logístico e músico.

No que se refere à forma de organização da cooperativa, constatou-se que 67% dos 30 cooperados entrevistados afirmaram que o líder da cooperativa não participa de nenhum outro tipo de organização, enquanto que 37% confirmaram a participação do líder em sindicatos, associação de comerciantes e associação de moradores locais.

Com relação à participação nas reuniões realizadas na cooperativa, 93% dos trabalhadores afirmaram que participam sempre dos encontros para obter informações gerais sobre a organização da cooperativa. A maioria dos cooperados, 63%, informaram ainda que não receberam ou não recebem treinamentos na cooperativa, o que apontaram ser de grande importância para o desenvolvimento da mesma. Contudo, 37% afirmaram ter recebido algum tipo de treinamento, tais como: atendimento (54%), aspectos ambientais (32%) e gestão (14%).

Os cooperados foram indagados, também, se a cooperativa recebe algum tipo de apoio local e, neste caso, 63% falaram que não recebem nenhum apoio. Enquanto 37% informou que a prefeitura, por meio da Secretaria de Turismo, Sebrae e o Instituto Chico Mendes (ICMbio) oferecem diversos tipos de apoio aos cooperados.

#### 4.3 As dimensões do capital social na cooperativa

##### 4.4.1 Dimensões apoio comunitário e capital social estrutural

A dimensão Apoio Comunitário aparece como variável de estabilidade e caracteriza-se por um princípio que guia a ação coletiva dos interesses gerais da cooperativa e suas possíveis relações com o capital social (ANDRADE; GOMES; CANDIDO, 2012).

Dos quatro aspectos considerados na dimensão apoio comunitário, 80% dos cooperados concordaram totalmente ou parcialmente com a afirmativa de que a cooperativa pode ser considerada organizada. Por esse motivo, obteve o maior ranking médio (RM) dos aspectos mencionados, com valor de 4,23. Com relação à afirmativa de que as pessoas e ou instituições se mobilizam para solucionar problemas da cooperativa, 70% dos entrevistados concordaram parcialmente ou totalmente com ela, o qual registrou um RM de 3,85, o segundo maior na pesquisa (Tabela 3).

Contudo, dois aspectos geraram relativa discordância nas respostas entre os entrevistados: 46% discordaram totalmente ou parcialmente sobre a existência de programas ou instituições locais envolvidas na geração de desenvolvimento local; e 53% concordaram parcialmente ou totalmente com a afirmativa de que as pessoas da cooperativa participam das diversas instituições locais (saúde, educação, turismo). Devido a essa discordância ou desconhecimento dos aspectos por parte dos entrevistados, constatou-se então os dois menores *RM* da dimensão considerada, sendo 3,16 e 3,20, respectivamente.

Tabela 3: Ranking médio dos aspectos das dimensões Apoio Comunitário e Capital social estrutural segundo cooperados

Dimensões	Variáveis	RM
Apoio comunitário (X1)	A cooperativa pode ser considerada organizada	4,23
	As pessoas da cooperativa geralmente participam das diversas instituições locais (Secretaria de Saúde, educação, turismo etc)	3,20
	As pessoas e ou instituições se mobilizam para resolução de problemas da cooperativa	3,83
	Verifica-se a presença de programas ou instituições envolvidas na geração de desenvolvimento local	3,16
Capital social estrutural (X2)	Média	3,61
	A cooperativa dispõe de adequada infraestrutura	3,90
	O líder da cooperativa participa ativamente no processo de desenvolvimento da comunidade	4,33
	No geral, eu me sinto muito feliz trabalhando na cooperativa.	4,46
	A cooperativa considera os líderes (líderes religiosos, líder comunitário, líderes políticos) da cidade como sendo influenciadores	2,90
	Média	3,90

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Para Andrade, Gomes e Cândido (2012), a dimensão, Capital Social Estrutural, refere-se às formas de organização social e das instituições locais que atuam como instrumentos para o desenvolvimento da organização, induzindo maior cooperação dos indivíduos locais.

Assim, ao todo, 4 possíveis afirmativas foram levantadas para os entrevistados como existentes na organização, e constatou-se que 90% dos entrevistados concordaram parcialmente ou totalmente com a afirmativa de que o líder da cooperativa participa ativamente no processo de desenvolvimento da cooperativa e da comunidade que estão inseridos. Mesmo percentual que concordaram parcialmente ou totalmente com a hipótese de que no geral, eles se sentem felizes em trabalhar na cooperativa. Consequentemente, obtiveram os dois maiores *RM* da dimensão, 4,33 e 4,46, respectivamente. Dos 30 cooperados, tem-se, ainda, 73% concordando parcialmente ou totalmente com a ideia de que a cooperativa dispõe de adequada infraestrutura para atender aos cooperados, registrando um *RM* próximo a 4,00. A única afirmativa que gerou um nível de discordância parcial ou total relativamente elevado (47%) foi o fato de não considerarem os líderes locais como influenciadores na cidade. Tal fato resultou no menor *RM* da dimensão analisada.

### 3.4.2 Dimensões redes e organizações e ação coletiva

A dimensão Redes e Organizações de Apoio Mútuo envolve existência de inter-relações entre os indivíduos, grupos e organizações. Pode-se considerar essa dimensão como uma das mais importantes para a existência de capital social, pois leva em conta, principalmente, a diversidade existente dos membros da cooperativa.

Para esta dimensão, 4 afirmativas foram levantadas como existentes. Três delas foram apontadas por 63%, 57% e 56% dos cooperados com concordância parcial ou total, são elas

respectivamente: 1) a cooperativa apresenta diferenças quanto à educação, renda, afiliação política e etnia, o que mostra ser um grupo bem diversificado atuando na organização, cujo *RM* foi de 3,56; 2) os serviços básicos (saúde, educação, aspectos trabalhistas) são de acesso a todos os membros da cooperativa (*RM* igual a 3,23); 3) problemas decorrentes das diferenças dos cooperados são superados facilmente e de forma interna (*RM* igual a 3,66). Contudo, uma afirmativa foi apontada com discordância parcial ou total por 60% deles, que é aquela que afirma que existem serviços básicos que atendem devidamente aos trabalhadores na cooperativa, ou seja, a média foi a menor dentre as possíveis afirmativas da dimensão estudada (2,43) (Tabela 4).

Tabela 4: Ranking médio dos aspectos das dimensões Redes e organizações de apoio mútuo e Ação coletiva prévia segundo cooperados

Dimensões	Característica	RM
Redes e organizações de apoio mútuo (X3)	A cooperativa apresenta níveis de diferenças quanto à educação, saúde, etnia, renda, afiliação política, entre outros	3,56
	Caso exista problemas decorrentes dessas diferenças, estas são superados facilmente	3,66
	A cooperativa dispõe de serviços básicos que atendam devidamente aos trabalhadores (saúde, educação, aspectos trabalhistas)	2,43
	Os serviços são de acesso a todos os membros da cooperativa	3,23
	Média	3,22
Ação coletiva prévia (X4)	A cooperativa interage com os líderes políticos a fim de solicitar ações de desenvolvimento para a cooperativa e cidade	3,66
	A cooperativa, através do líder, já conseguiu reivindicações importantes junto ao poder público para a bem da coletividade de modo geral (cooperativa e aldeia)	3,46
	Se um projeto da cooperativa não me beneficia diretamente, mas ajuda aos outros membros então eu contribuo com meu tempo e dinheiro se houver necessidade	4,10
	Nos últimos doze meses, você ou alguém da sua cidade ou família participou de alguma atividade da cooperativa (tipo torneio de futebol, manifestação política ou religiosa) para beneficiar todos os membros.	2,90
	Se ocorrer algum problema na comunidade, os membros da cooperativa se reúnem para ajudar a solucionar.	4,00
	As decisões a serem tomadas são relacionadas a projetos de desenvolvimento comum	4,40
Média	3,77	

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Já a dimensão Ação Coletiva Prévia compreende o grau de coletivismo existente e torna possível verificar se os membros demonstram ter consciência de que, em grupo, pode apresentar melhores resultados que atuando isoladamente. Espera-se assim, que uma organização com maior interação com líderes políticos locais possa obter rendimentos satisfatórios em relação à aprovação de projetos que objetivem o desenvolvimento e bem-estar comum.

Para essa dimensão, seis afirmativas foram levantadas para os entrevistados. Três delas foram apontadas com concordância parcial ou total entre 70% e 90% dos cooperados, são eles: 1) as decisões a serem tomadas na cooperativa são relacionadas a projetos de desenvolvimento comum (87%); 2) se ocorrer algum problema na comunidade, os membros da cooperativa se reúnem para ajudar a solucionar (76%); e, 3) se um projeto da cooperativa não me beneficia diretamente, mas ajuda aos outros membros então eu contribuo com meu tempo e dinheiro se houver necessidade (70%). Portanto, foram os aspectos que registraram as maiores médias da dimensão, com valores acima de 4,00.

Dois aspectos registraram também percentuais de concordância parcial e total, conjunta, de 67% e 60% dos entrevistados, são eles respectivamente: 1) a cooperativa interage com os líderes políticos a fim de solicitar ações de desenvolvimento para a cooperativa e cidade (*RM* =

3,66); e 2) a cooperativa, através do líder, já conseguiu reivindicações importantes junto ao poder público para o bem da coletividade de modo geral, cooperativa e aldeia (RM= 3,46).

### 3.4.3 Dimensões capital social cognitivo e perfil organizacional

A dimensão Capital Social Cognitivo relaciona-se à essência do capital social, que são intrínsecas ao indivíduo, ou seja, são aspectos que ajudam a identificar comportamentos baseados na solidariedade, na cooperação e na confiança. Essas duas últimas são aspectos essenciais que determinam o capital social. Espera-se, assim, a existência de alto grau de confiança e solidariedade.

Desta forma, foram levantadas 10 afirmativas para os entrevistados. Todas registraram um percentual acima dos 60% de concordância, parcial e total. Dessas, as que detiveram maiores percentuais, conjuntas, de concordância parcial ou total foram: a) Considera-se bem aceito (a) pelos membros da cooperativa (90%); b) existe baixa incidência de conflitos (brigas) na cooperativa (90%); c) a maioria dos membros está disposta a me ajudar caso eu precise e o nível de confiança é considerado alto na cooperativa (87%, cada); c) você recebe apoio e solidariedade das demais pessoas da cooperativa (86%); d) Tem-se a cooperativa como próspera e constata-se a presença de respeito e atenção à opinião alheia (86% cada um); e) existe engajamento da cooperativa (são pessoas ativas que procuram solucionar vários problemas) (84%). Para essa dimensão, nota-se que a média obtida por todos os aspectos considerados foram maiores que 4,00, mostrando seu peso para a existência do capital social na organização (Tabela 5).

Tabela 5: Ranking médio dos aspectos das dimensões Capital social cognitivo e Perfil organizacional segundo cooperados

Dimensões	Característica	RM
Capital social cognitivo (X5)	Você recebe apoio e solidariedade das demais pessoas da cooperativa	4,33
	A maioria dos membros está disposta a me ajudar caso eu precise	4,40
	Nesta cooperativa é preciso estar atento ou alguém pode tirar vantagem de mim	3,36
	O nível de confiança é considerado alto	4,30
	O interesse é maior pelo bem-estar coletivo na cooperativa	4,16
	Tem-se a cooperativa como próspera	4,36
	Constata-se a presença de respeito e atenção à opinião alheia	4,33
	Considera-se bem aceito (a) pelos membros da cooperativa	4,53
	Existe baixa incidência de conflitos (brigas) na cooperativa	4,00
	Existe engajamento da cooperativa (são pessoas ativas que procuram solucionar vários problemas)	4,16
Perfil organizacional (X6)	Média	4,19
	Existe interação entre as diversas instituições (cooperativa, prefeitura, comerciantes, associação de moradores, igrejas)	3,66
	A organização da cooperativa é dotada de capacidade e competência	4,60
	As principais fontes de informação da cooperativa ocorrem por meio de informativos, reuniões, telefonemas, conversas com outros membros.	4,83
	As ações dos líderes da cooperativa contribuem para o desenvolvimento da mesma	4,67
	Média	4,44

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A dimensão Perfil Organizacional visa identificar, por sua vez, características internas às organizações e/ou instituições da localidade, demonstrando o tipo de relacionamento

existente entre elas e outras na comunidade, e se as mesmas possuem capacidade e competência para solucionar problemas.

Para esta última dimensão, quatro afirmativas foram levantadas como existentes na cooperativa. Três delas alcançaram percentuais acima dos 90% de concordância parcial e total, são elas: 1) as principais fontes de informação da cooperativa ocorrem por meio de informativos, reuniões, telefonemas, conversas com outros membros (97%); 2) as ações dos líderes da cooperativa contribuem para o desenvolvimento da mesma e organização da cooperativa é dotada de capacidade e competência (93% cada uma das afirmativas). A afirmativa de que existe interação entre as diversas instituições (cooperativa, prefeitura, comerciantes, associação de moradores, igrejas) foi apontada com concordância de 64% dos entrevistados, o que também é um percentual significativo. Assim, constata-se que essa dimensão pode está influenciando na existência de capital social existente na organização local estudada.

### 3.5 Aferição do capital social na Cooperativa

A partir do diagnóstico do capital social em suas seis dimensões na cooperativa de bugueiros têm-se, na Tabela 6, os resultados obtidos com a realização da pesquisa e as respectivas contribuições que as dimensões proporcionaram ao resultado final do índice de capital social geral.

Tais resultados mostram que a Cooperativa se enquadrou em um médio nível de capital social, com um índice geral de 0,7833. Na composição desse Índice de Capital Social, verifica-se que a organização apresentou índice de 0,7250 para a dimensão Apoio comunitário. Diante do exposto, depara-se com uma situação mais propícia para geração e acumulação do capital social, uma vez que a cooperativa é considerada organizada e que as pessoas que a formam demonstram interesse em buscar de seus objetivos e resolver os problemas da cooperativa.

No que se refere à dimensão capital social estrutural, as variáveis da dimensão fizeram com que o índice chegasse a 0,7733, ou seja, enquadra-se no médio nível de capital social. Nesse aspecto, verifica-se que a organização encontra-se melhor organizada, o que viabiliza o fortalecimento do capital social na mesma, uma vez que existe uma interação entre a cooperativa e as instituições locais, corroborando assim para um maior desenvolvimento comunitário.

Para a dimensão Redes e organizações de apoio mútuo, o resultado da pesquisa mostra que as variáveis que a compõem registraram uma menor desenvoltura em relação às demais dimensões, apesar de ser considerado, ainda de nível médio de Capital Social (0,6467). Dessa forma, constata-se uma parceria ainda a caminho de uma melhor relação entre a cooperativa e instituições públicas locais.

De acordo com os dados coletados referente à dimensão Ação coletiva prévia, observou-se que a cooperativa de bugueiros da Vila Jeri apresentou um nível médio de capital social ( $0,5 < ICS \leq 0,8$ ), com valor de 0,76. Essa dimensão foi, ainda, a segunda que mais contribuiu para o cálculo do índice de capital social geral, com participação de 18,19%, perdendo apenas a dimensão Capital social cognitivo, que apresentou, sozinho, um índice de 0,838. Nota-se, portanto, que esta última registrou um nível alto de capital social na cooperativa e contribuiu com 33,43% no total do *ICS* Geral. Esses resultados evidenciam, primeiramente, que existe na organização uma maior propensão para os atores realizarem as diversas atividades coletivamente no intuito de alcançarem objetivos específicos previamente traçados e, segundo os mesmos integrantes, apresentam espírito participativo na localidade, no qual as pessoas têm pretensão e empenho de se unirem e formarem associações a fim de fortalecer o desenvolvimento da cooperativa e comunidade.



Por último, tem-se a dimensão Perfil organizacional, que, no caso, foi a dimensão com nível mais alto de capital social registrado na pesquisa, cujo índice obtido foi de 0,8867. No entanto, em termos de contribuição ao ICS Geral, a dimensão participou com o terceiro maior percentual (14,15%). Nesse caso, constata-se que a cooperativa possui uma atuação mais efetiva do líder com as diversas outras instituições/organizações presentes na localidade, mostrando a sua representatividade para com o grupo e comunidade em geral.

Tabela 6: Índice de capital social e contribuições das variáveis

Dimensões	ICS	Identificação do nível de Capital Social	Nível de Capital Social	Contribuição ao ICS (%)
Apoio comunitário (X1)	0,7250	$0,5 < ICS \leq 0,8$	Médio	11,57
Capital social estrutural (X2)	0,7733	$0,5 < ICS \leq 0,8$	Médio	12,34
Redes e organizações de apoio mútuo (X3)	0,6467	$0,5 < ICS \leq 0,8$	Médio	10,32
Ação coletiva prévia (X4)	0,7600	$0,5 < ICS \leq 0,8$	Médio	18,19
Capital social cognitivo (X5)	0,8380	$0,8 < ICS \leq 1,0$	Alto	33,43
Perfil organizacional (X6)	0,8867	$0,8 < ICS \leq 1,0$	Alto	14,15
<b>ICS Geral</b>	<b>0,7833</b>	<b><math>0,5 &lt; ICS \leq 0,8</math></b>	<b>Médio</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De modo geral, os resultados foram importantes para revelar que a cooperativa de bugueiros da Vila de Jericoacoara dispõe de adequada estrutura para o fortalecimento do capital social, pois seus atores, sejam internos ou externos, possuem competência para estimular o engajamento dos cooperados nos diversos projetos e ações que são desenvolvidos na comunidade.

### Considerações finais

Por meio dos argumentos expostos, constatou-se que a vila Jeri tem capacidade e potencialidades de se transformar socioeconomicamente, além de mudar as relações de convivência dos atores que residem na localidade. Contudo, é fundamental a intensificação da participação de todos os atores (instituições e organizações formais e informais; membros da sociedade) para o transbordamento do capital social.

Assim, com relação aos aspectos de capital social investigados na pesquisa, notou-se que, em muitos aspectos das dimensões estudadas, o ranking médio de respostas obtidas foram maiores para as dimensões capital social cognitivo e o perfil organizacional. Portanto, esses resultados poderão indicar janelas de oportunidades de ações coletivas de cooperação na organização pesquisa e, até mesmo, na comunidade, pois são fatores importantes para o desenvolvimento local.

Diante deste panorama, os entrevistados apontaram o líder como um ator atuante no processo de desenvolvimento da cooperativa e da comunidade local. Essa participação ativa corrobora com a ideia de que a cooperativa tem capacidade e competência e atende, adequadamente, aos cooperados. Contudo, os demais líderes locais (sejam eles políticos, religiosos, comunitários, comerciantes) precisam tornar-se mais influenciadores junto aos órgãos públicos locais.

No que se refere à aferição do capital social para cada dimensão analisada, constatou-se que o perfil organizacional e capital social cognitivo foram os que registraram os maiores níveis de capital na cooperativa, seguido pelo capital estrutural. Essas três dimensões foram

importantes no quesito contribuição para proporcionar um nível médio do índice de capital social geral no valor de 0,7833.

No entanto, ainda existem na cooperativa alguns obstáculos que devem ser eliminados ou, pelo menos, minimizados. É o caso da intensificação da relação da cooperativa com outras cooperativas e associações locais, pois permitirá a troca de experiências positivas e negativas entre eles, pois dos dezenove agentes locais existentes, a cooperativa possui relação apenas com três delas. Ou seja, todas os demais agentes atuantes na vila Jeri não possuem relação com a COOPERBUJ, o que mostra potencialidade de cooperação existente, mas não aproveitada em sua plenitude. Tal fato evidencia o funcionamento local como verdadeiras “ilhas”, isto é, cada agente/organização local nasce e sobrevive de maneira isolada, sem apoio ou troca de experiências com as demais, o que pode prejudicar o desenvolvimento de cada um e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico da localidade. Dessa maneira, o fortalecimento dessas relações e ampliação de parcerias diversas ocasionará geração de empregos e renda em outras atividades ligadas indiretamente à cooperativa.

Outro aspecto que deve ser mencionado refere-se à necessidade dos atores da cooperativa local de se sentirem inseridos nos programas públicos de estímulo ao desenvolvimento local. Para tal fim, deve-se incentivá-los a participar de associações e instituições públicas e privadas na Vila. Ou seja, deve-se estimular a participação democrática de todos os agentes locais em prol do bem-estar da comunidade.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, E.O.; GOMES, F.S.L.; CANDIDO, G.A. (2012). Capital Social como mecanismo para melhorias nas formas de atuação de Cooperativas de Produtores Rurais. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 8, n. 2, p. 81-106. Taubaté, SP, Brasil.

AMARAL FILHO, J. do. Globalização, Transformações Estruturais, desenvolvimento local e regional, um olhar sobre o Nordeste brasileiro. **Trajetórias de Desenvolvimento Local e Regional: uma comparação entre as Regiões do Nordeste Brasileiro e a Baixa Califórnia, México**. Amaral Filho e Carrillo (org.) Rio de Janeiro, E-papers, 2011. 400p.

ANDRADE, E.O; CANDIDO, G.A. **A Relação entre os Níveis de Capital Social e os Índices de Desenvolvimento Sustentável: Uma Análise Comparativa entre Municípios**. Anais do XXXII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2008.

BARCELLOS, A.P.S. **A Evolução das Cooperativas de Trabalho no Brasil: uma resposta à atual fase de transição do sistema capitalista**. Dissertação de Mestrado Curso de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Santa Catarina. 141 páginas. Florianópolis, 2004.

BOURDIEU, P. **Le capital social: notes provisoires**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. n. 31, p. 2-3, 1980. Disponível em: <<http://letunifor.xpg.uol.com.br/arquivos/capsoc2.pdf>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2016.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro. Editora Garamond, 4 ed. 2008. 180p.

CHAVES, G.N.; KUSTNER, R.C. **Desenvolvimento Local e Cooperativismo: um olhar sobre a experiência da cooperativa agrícola dos produtores de mandioca de São Felipe - BA**.

Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia. Salvador, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/view/3679>>. Acesso em 7 de junho de 2017.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American journal of sociology**, v. 94, p. S95-S120, 1988.

FREY, Klaus. Capital social, comunidade e democracia. **Política & Sociedade**, v. 2, n. 2, p. 175-187, 2003.

FORZA, C. **Survey research in operations management: a process-based perspective**. International Journal of Operations and Production Management, v. 22, n. 2, p. 152-194, 2002.

FUKUYAMA, F. “Capital Social” in HARRISON, L. E. & HUNTINGTON, S. P. **A Cultura Importa**. São Paulo, Record, 2001.

GRAHAM, L.K. **Beyond Social Capital: the Role of Leadership, Trust and Government Policy in Northern Ireland’s Victim Support Groups**. Palgrave macmillan, UK. p.171, 2016.

GROOTAERT, C.; BASTELAER, T. V. **Understanding and measuring social capital**. A synthesis os findings and recommendations from the social capital initiative. The World Bank, n. 24, p. 01-45, 2001.

GROOTAERT, C.; NARAYAN, D.; JONES, V.N.; WOOLCOCK, M. “**Questionário Integrado Para Medir Capital Social**.” Banco Mundial, 2003, 73p. Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/78c0/5e2cf57a2c39dec080a3b0b43c232069c769.pdf>>. Acesso m 20 de fevereiro de 2017.

ISTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/jijoca-de-jericoacoara/panorama>>. Acesso em 21 de março de 2018.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Estado do Ceará (IPECE). **Perfil básico municipal – Jijoca de Jericoacoara. (2016)**. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/>. Acesso em 10/01/2016.

KHAN, A. S.; SILVA, L. M. R. **Avaliação do Projeto São José no Estado do Ceará: Estudo de Caso**. UFC /CCA /DEA, Fortaleza, Ceará, 2002.

LOPES, K.L.A.; MATOS, F.R.N.; MACHADO, D.Q. Cooperativismo como Alternativa para o Desenvolvimento Sustentável Local: estudo de caso nas cooperativas do perímetro irrigado de Morada Nova/Ce. **Revista Sistemas & Gestão**. V. 10, nº 2, p.2014-224, 2015.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. **Social capital, intellectual capital and the organizational advantage**. Academy of Management Review, 23, n. 2, p. 242-266, 1998

PEREIRA, S.B. **Processos Tangíveis e Intangíveis do Desenvolvimento Local**. Revista Econômica do Nordeste. V. 38, nº 2, Fortaleza, abril - junho, 2007.

PORTO, S.B.; FERREIRA, M.V. Cooperativismo e Desenvolvimento Socioeconômico: uma análise da cooperativa de crédito rural de economia solidária - SOLICRED BENJAMIN CONSTANT/AM. **Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - CIAGS & Rede de Pesquisadores em Gestão Social - RGS**. v.5, n.2, p.323-337, jun./dez. 2014.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia** - A Experiência da Itália Moderna. Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1993.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone: America's declining social capital. **Journal of democracy**, v. 6, n. 1, p. 65-78, 1995.

PUTNAM, Robert. Social capital: Measurement and consequences. **Canadian Journal of Policy Research**, v. 2, n. 1, p. 41-51, 2001.

REGIS, H.P.; DIAS, M.R.C.; BASTOS, A.V.B. **Articulando Cognição, Redes e Capital Social**: um estudo entre empresários participantes de incubadoras de empresas. Anais Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração (ENANPAD). Salvador, 2006. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-eorb-0979.pdf> >. Acesso em 15 de junho de 2017.

ROCHA, E. E. R. B. MARICATO, F.E. ; TENÓRIO, M.C.C. ; TOLEDO, V.A.A. de ; MARTINS, Z.A. **Cooperativismo e associativismo**: proposta alternativa de geração de trabalho e renda no município de Marilena, PR. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrest/Trabalho/Trabalho4.pdf>>. Acesso em: 18 de junho de 2017.

SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DO CEARÁ (SETUR). **Ceará Viva essa alegria: indicadores turísticos (1995/2015)**. Fortaleza, 2016. Disponível em <<http://www.setur.ce.gov.br/images/PDFs/ESTUDOS-PESQUISAS/Indicadores-1995-2015.pdf> >. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

SILVA, O. A. C. da; CANDIDO, G.A. **Cooperação, desenvolvimento local e capital social como formas de promover uma nova realidade local**: uma experiência em Bananeiras. XXVI ENEGEP – Fortaleza, 2006. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006\\_TR560372\\_8642.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR560372_8642.pdf) >. Acesso em: 7 de junho de 2017.

SOARES, A.P.A.; ABREU, E.A.P. de; NAVAES, A.M. **A Relação entre o Capital Social e o Desenvolvimento Local**: o caso das comunidades rurais de baixo rendimento em Pernambuco. 48ª Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural (SOBER), 2010. Campo Grande- Paraíba. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/822.pdf> >. Acesso em: 31 de janeiro de 2016.

TABOSA, F.J. S.; TEIXEIRA, K.H.; SILVA, D. M. F. ; MADALOZZO, C. L.; MAYORGA, M. I. O. **Desenvolvimento local e capital social**: uma leitura sobre os núcleos e arranjos produtivos do estado do Ceará. In: XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural (SOBER), 2004, Cuiabá-MT. Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2004.